



SENHOR DA JUSTIÇA

LANÇAMENTO

LIVRO EDUCACIONAL

oração ao nosso pai xangô



Ao meu pai Xangô,
eu peço na benção de Oxalá
que atenda às minha palavras
e ouça meu coração.

Ao meu pai Xangô,
eu peço a sua misericórdia
e proteção para minha vida.

Ao meu pai Xangô,
eu peço que seja digno
de carregar em minha vida
a sua proteção,
a sua benevolência
e sua força.

Ao meu pai Xangô,
eu peço que abra os meus caminhos
e afaste de minha alma,
de meu corpo e de meu espírito,
os inimigos que me desejam o mal.

Ao meu pai Xangô,
pela minha verdadeira fé e devoção,
eu peço que ouça minhas palavras
e que eu, seja digno de seu perdão.

Copyrights © da imagem Editora 3





E com muito prazer que estamos lançando mais este livro levando até a vocês um pouco mais da nossa história das nossas raízes. Histórias do nosso pai xangô deste grande orixá agradecemos a todos os nossos leitores seja de qual for a sua religião aqui nesta edição vamos compreender a razão da vida dos orixás onde a justiça a fé a coragem faz parte não só dos orixás mas de todos os filhos (as) de Oxalá esperamos que gostem desta leitura deste livro aqui nos deparamos com a verdadeira fé a verdadeira coragem desejo a todos vocês uma ótima leitura muito axé e que nosso pai xangô nós de muita sabedoria axé

Página.....2.....a origem de xangô

Página.....9.....nomes conhecidos de xangô

Página.....13.....as plantas de xangô

Página.....23.....culinária de xangô

Página.....25,.....sincretismo da igreja católica

Página.....27.....a história do leão na igreja católica





as histórias que vocês iram testemunhar faz parte não só de uma fase de xangô mais vários momentos da vida deste grande orixá catalogamos o Maximo de relatos que xangô viveu em sua época histórias e momentos de glória de amor e além de tudo a sua trajetória. Xangô é o fundador do culto aos Eguns, somente ele tem o poder de controlá-los, como diz um trecho de um Itã: "Em um dia muito importante, em que os homens estavam prestando culto aos ancestrais, com Xangô a frente, as Iyámi Ajé fizeram roupas iguais as de [Egungun](#), vestiram-na e tentaram assustar os homens que participavam do culto, todos correram mas Xangô não o fez, ficou e as enfrentou desafiando os supostos espíritos. As Iyámis ficaram furiosas com Xangô e juraram vingança, em um certo momento em que Xangô estava distraído atendendo seus súditos, sua filha brincava alegremente, subiu em um pé de [Obi](#), e foi aí que as Iyámi Ajé atacaram, derrubaram a Adubaiyani filha de Xangô que ele mais adorava. Xangô ficou desesperado, não conseguia mais governar seu reino que até então era muito próspero, foi até [Orunmilá](#), que lhe disse que [Iyami](#) é quem havia matado sua filha, Xangô quis saber o que poderia fazer para ver sua filha só mais uma vez, e Orunmilá lhe disse para fazer oferendas ao Orixá [Iku](#) (Oniborun), o guardião da entrada do mundo dos mortos, assim Xangô fez, seguindo a risca os preceitos de Orunmilá. Xangô conseguiu rever sua filha e pegou para si o controle absoluto dos mistérios de Egungun (ancestrais), estando agora sob domínio dos homens este culto e as vestimentas dos Eguns, e se tornando estritamente proibida a participação de mulheres neste culto, caso essa regra seja desrespeitada provocará a ira de Olorun. Xangô, Iku e dos próprios Eguns, este foi o preço que as mulheres tiveram que pagar pela maldade de suas

ancestrais." Orixá da justiça, do fogo e do trovão, Xangô viveu em 1450 a.C. e foi o quarto Alafin (rei) de Oyó. Foi um grande conquistador, anexando vários territórios ao império yorubano. Era filho de Oranian e neto de Oduduwá e tinha um grande poder de magia através do atim (pó mágico) chamado Axurim. Algumas lendas falam que Xangô, cujo verdadeiro nome era Olufiran, teria se enforcado na coluna de Koso, em Oyó, depois de ter jogado um raio em seu próprio palácio, levando seu irmão Ajaká ao trono. Sua esposa e prima Oyá, ao saber de sua morte teria se suicidado transformando-se no rio Niger. No período seguinte, Xangô ressurgiu dos mortos como Xangô Ayrá, usando a cor branca. Homem valente à direita. Homem valente à esquerda. Homem valente em casa. Homem valente na guerra. Oranian foi fundador do Reino de Oyó, na terra dos iorubás. Durante suas guerras, ele passa sempre por empê, território Tapá, também Nupê. Elempê, o rei do lugar, fez uma aliança com Oranian e deu-lhe, também, sua filha em casamento. Desta união nasceu este filho vigoroso e forte, chamado Xangô. Durante sua infância, em Tapá, Xangô só pensava em encrenca. Encolerizava-se facilmente, era impaciente, adorava dar ordens e não tolerava nenhuma reclamação. Xangô só gostava de brincadeira de guerra e de briga. Comandava os pivetes da cidade, ele ia roubar os frutos das árvores. Crescido, seu caráter valente o levou a partir em busca de aventuras gloriosas. Xangô tinha um oxé - machado de duas lâminas, um saco de couro, pendurado em seu ombro esquerdo. Nele encontravam-se os elementos do seu poder ou axé: aquilo que ele engolia para cuspir fogo e amedrontar seus adversários, e as pedras e raios com as quais ele destruía as casas de seus inimigos. O primeiro lugar que Xangô visitou chamava-se Kossô. Ai chegando, as pessoas assustadas disseram: "-Quem é esse perigoso personagem? -Ele é brutal e petulante demais! -Não o queremos entre nós!" "Ele vai maltratar-nos! -Ele vai espalhar a desordem na cidade! -Não o queremos entre nós! Mas Xangô os ameaçou com seu oxé. Sua respiração virou fogo e ele destruiu algumas casas com suas pedras de raio. Todo mundo de Kossô veio pedir-lhe clemência, gritando: Kabiyesi Xangô, Kawo Kabiyesi Xangô Obá Kossô! -Vamos todos ver e saudar Xangô, Rei de Kossô! Quando Xangô tornou-se rei de Kossô, ele pôs-se à obra. Contrariamente ao que as pessoas desconfiavam e temiam, Xangô fazia as coisas com alma e dignidade. Ele realizava trabalhos úteis à comunidade. Mas esta vida calma não convinha a

Xangô. Ele adorava as viagens e as aventuras. Assim, partiu novamente e chegou à cidade de Irê, onde morava Ogum. Ogum o terrível guerreiro. Ogum o poderoso ferreiro. Ogum estava casado com Iansã, senhora dos ventos e das tempestades. Ela ajudava Ogum em suas atividades. Todas as manhãs, Iansã o acompanhava à forja e carregava, para ele, as ferramentas. Xangô gostava de sentar-se ao lado da forja para ver Ogum trabalhar. Vez por outra, ele olhava para Iansã. Iansã, também, espiava furtivamente Xangô. Xangô era vaidoso e cuidava muito de sua aparência, a ponto de trançar seus cabelos como o de uma mulher. Ele fizera furos nos lobos de suas orelhas, onde pendurava argolas. Que elegância! Muito impressionada pela distinção e pelo brilho de Xangô, Iansã fugiu com ele e tornou-se sua primeira mulher. Xangô voltou por pouco tempo a Kossô, seguindo depois, com seus súditos, para o reino de Oyó, o reino fundado, antigamente, por seu pai Oranian. O trono estava ocupado por um meio irmão de Xangô, mais velho que ele, chamado Dadá-Ajaká, um rei pacífico, que amava a beleza e as artes. Xangô instalou-se em Oyó, um novo bairro que chamou de Kossô. Ele conserva assim, seu título de Obá kossô - "Rei de Kossô". Xangô guerreava para seu irmão Dadá. O reino de Oyó expandia-se para os quatro cantos do mundo. Ele se estendeu para o Norte. Ele se estendeu para o sul. Ele se estendeu para o Leste e se estendeu para o Oeste. Xangô, então, destronou seu irmão Dadá-Ajaká e fez-se rei em seu lugar. Xangô construiu um palácio com cem colunas de bronze, ele tinha um exército de cem mil cavaleiros. Vivia entre suas mulheres e seus filhos. Iansã, sua primeira mulher, bonita e ciumenta. Oxum, sua segunda mulher, coquete e dengosa. Obá, sua terceira mulher, robusta e trabalhadora. Sete anos mais tarde, foi fim do seu reino: Xangô, acompanhado de Iansã, subira a colina de Igbeti, cuja vista dominava seu palácio de cem colunas de bronze. Ele queria experimentar uma nova fórmula que inventara para lançar raios. A fórmula era tão boa que destruiu todo o seu palácio! Adeus mulheres, crianças, servos, riquezas, cavalos, bois e carneiros. Tudo havia desaparecido, fulminado, espalhando e reduzido a cinzas. Xangô, desesperado, seguido apenas por Iansã, voltou para Tapá. Entretanto, chegando a Kossô, seu coração não suportou tanta tristeza. Xangô bateu violentamente com os pés no chão e afundou-se terra a dentro. Oxum e Obá foram para os rios e todos



tornaram-se orixás.Xangô, orixá do trovão. uma outra historia aconteceu assim um dia Airá, aquele que se veste de branco, foi um dia às terras do velho Oxalá para levá-lo festa que faziam em sua cidade. Oxalá era velho e lento, por isso Airá o levava nas costas. Quando se aproximavam do destino, vira a grande pedreira de Xangô, bem perto de seu grande palácio.Xangô levou Oxalufã ao cume, para dali mostrar ao velho amigo todo o seu império e poderio.E foi lá de cima que Xangô avistou uma belíssima mulher mexendo sua panela.Era Oiá! Era o amalá do rei que ela preparava!Xangô não resistiu à tamanha tentação.Xangô perdeu a cabeça e disparou caminho abaixo, largando Oxalufã em meio às pedras, rolando na poeira, caindo pelas valas.Oxalufã se enfureceu com tamanho desrespeito e mandou muitos castigos, que atingiram diretamente o povo de Xangô.Xangô, muito arrependido, mandou todo o povo trazer água fresca e panos limpos.Ordernou que banhassem e vestissem Oxalá.Oxalufã aceitou todas as desculpas e apreciou o banquete de caracóis e inhames.Mas Oxalá impôs um castigo eterno a Xangô. Ele que tanto gosta de fartar-se de boa comida.Nunca mais pode Xangô comer em prato de louça ou porcelana. Nunca mais pode Xangô comer em alguidar de cerâmica. Xangô só pode comer em gamela de pau, como comem os bichos da casa e o gado e como comem os escravos. Xangô, filho de Obatalá, era um jovem rebelde e vez por outra saía pelo mundo botando fogo pela boca, queimando cidades e fazendo arruaça. Seu pai, Obatalá, era informado de seus atos, recebendo queixas de todas as partes da terra. Obatalá alegava que seu filho era como era por não haver sido criado junto dele, mas que, algum dia, conseguiria dominá-lo.Certo dia, estando

Xangô na casa de Obá, deixou seu cavalo branco amarrado junto à porta da casa. Obatalá e Oduduá passaram por lá, viram o animal de Xangô, e o I com eles. Ao sair, Xangô percebeu o roubo e enfurecido saiu em busca do animal, perguntando aqui e acolá. Chegando a uma vila próxima dali, informaram-lhe que dois velhos estavam levando consigo seu animal, o que deixou Xangô ainda mais colérico. Xangô alcançou os dois velhos e ao tentar agredi-los percebeu que eram Obatalá e Oduduá. Obatalá levantou seu opaxorô e ordenou: “Sangò kunlé, foribalé”. Xangô desarmado atirou-se ao chão em total submissão à Obatalá. Xangô tinha consigo seu colar de contas vermelhas, que Obatalá arrebentou e misturou a elas suas contas brancas dizendo: “Isto é para que toda a terra saiba que você é meu filho”. Daquele dia em diante Xangô submeteu-se às ordens do velho rei outra história de xango aconteceu em seu reinado ele mandou fazer as torres do seu castelo tudo revestido de bronze isso porque ele queria que quando alguém avistasse ao longe as torres brilhando ao raios do sol os viajantes iam perceber que ali era terra de xangô e assim se foi feito. Por décadas todos os que cruzavam aquele território iam admirar a beleza que ali se encontrava ali e terra do rei xangô uma história de bravura de xangô Xangô e seus homens lutavam com um inimigo implacável. Os guerreiros de xangô, capturados pelo inimigo, eram mutilados e torturados até a morte, sem piedade ou compaixão. As atrocidades já não tinham mais limites. O inimigo mandava entregar a Xangô seus homens aos pedaços. Xangô estava desesperado e enfurecido. Xangô subiu no alto de uma pedreira perto do acampamento e dali consultou Orunmilá sobre o que fazer. Xangô estava irado e começou a bater nas pedras com seu oxé, o machado duplo. O machado arrancava das pedras faíscas, que acendiam no ar famintas línguas de fogo, que devoravam os soldados inimigos. A guerra perdida se transformou em vitória, Xangô ganhou a guerra. Os chefes inimigos que haviam ordenado o massacre dos soldados de Xangô foram dizimados por um raio que xangô disparou no auge de sua fúria. Mas os soldados inimigos que sobreviveram foram poupados por Xangô. mae dos eguns Xangô e seus homens lutavam com um inimigo implacável. Os guerreiros de xangô, capturados pelo inimigo, eram mutilados e torturados até a morte, sem piedade ou compaixão. As atrocidades já não tinham mais limites. O inimigo mandava entregar a Xangô seus homens aos pedaços. Xangô estava desesperado e enfurecido. Xangô subiu no alto de



uma pedra perto do acampamento e dali consultou Orunmilá sobre o que fazer. Xangô estava irado e começou a bater nas pedras com seu oxé, o machado duplo. O machado arrancava das pedras faíscas, que acendiam no ar famintas línguas de fogo, que devoravam os soldados inimigos. A guerra perdida se transformou em vitória, Xangô ganhou a guerra. Os chefes inimigos que haviam ordenado o massacre dos soldados de Xangô foram dizimados por um raio que xangô disparou no auge de sua fúria. Mas os soldados inimigos que sobreviveram foram poupados por Xangô. xangô se considerava o máximo. Mulher nenhuma no mundo conseguia resistir aos seus encantos. Era o mais belo dos reis, rico e cheio de si. A fama da beleza de Euá corria mundo, e Euá não era casada. Xangô resolveu a todo custo, seduzir Euá, nem que tivesse de trabalhar de servo em seu palácio, e foi o que fez. Euá portadora de vidência e de premonição, previu a chegada em seu reino, de um grande senhor real que viria disfarçado de servo. Assim preparada, ficou imune ao charme do senhor do fogo qualquer mulher que olhasse Xangô nos olhos brilhantes de fogo, cairia apaixonada. Euá prevenida não olhava nos olhos. O tempo foi passando e nada, Xangô irritado tentou possuí-la a força, a moça apavorada, mas muito valente deu uma mordida na mão de Xangô e soltou-se fugindo do palácio, com o rei disfarçado em seu



encaço. Xangô, furioso e pondo fogo pela boca, estava cada vez mais perto, quando Euá avistou a porta do cemitério e entrou, o que fez com que o rei de oió fugisse apavorado, mas a tempo de dizer-lhe que ainda a possuiria de qualquer forma. Cansada de tantas perseguições, Euá resolveu ficar residindo no Ilê Iboji, onde sempre estaria a salvo de Xangô, estabelecendo um grande relacionamento com Ikú. Estes são os relatos de xangó uma das mais lindas historias já contadas assim e xangó rei supremo rei soberano não fazemos nada sem xangó não criamos nada sem ele o nosso grande orixá rei xango.....



Nomes conhecidos de xangô

Algumas nações usam o vermelho para xango porque ele tem o conhecimento do raio e trovão o vermelho simboliza os raios e relâmpagos por isso ele leva a cor vermelha vamos então mostrar as qualidades de nosso pai xango estes são. As suas cores são o marrom e branco ou vermelho e seu fio de contas intercalado com as mesmas cores, branco e marrom ou vermelho. A sua saudação é: Kawó kabiyèsilé! – Venham ver o Rei descer sobre a terra! Ou Salve a Vossa Majestade na terra! Na sua dança, o alujá, Xangô brande orgulhosamente seu oxé e assim que a cadência se acelera, ele faz um gesto de quem vai pegar num labá (sua bolsa) imaginário, que contém as pedras de raio, e lançá-las no ar. QUALIDADESAlufan: É idêntico a um Airá. Confundido com Oxalufan. Veste branco e suas ferramentas são prateadas. Alafim: É o dono do palácio real, governante de Oyó. Ligado a Oxaguian. Afonjá: É o dono do talismã mágico dado por Oyá a mando de Obatalá; Come com Yemanjá sua mãe. Patrono de um dos terreiros mais tradicionais e antigos da Bahia, o Axé Opô Afonjá, é o Xangô da casa real de Oyó. Aganju: Veste marrom, Xangô guerreiro, feiticeiro, estreita ligação com Yemanjá e os Ogbonis Agodo: Aquele que usa dois Oxês. Veste marrom, ligado a Yemanjá. Barú: Veste-se de marrom/preto. Ligação com Yemanjá em Tapá e Exú, o único que não pode comer amalá Obain: veste-se marrom e ligado a Oyá Oranfê: É o justiceiro, reto e impiedoso, que mora na cidade de Ifé. Obalubé: é o grande rei, ligado a Oba, Oxun e Oyá. Os Airás são mais velhos, fazem parte da família real da dinastia Ifé/Oyó, suas contas são brancas rajadas de vermelho ou marrom. Airá Intilè: Veste branco/azul claro, aquele que carrega Lufan nas costas Airá Igbonam: É considerado o pai do fogo, tanto que na maioria dos terreiros, no mês de junho de cada ano, acontece a fogueira de Airá, rito em que Ibonã dança sempre acompanhado de Iansã, dançando e cantando sobre as brasas escaldantes das fogueiras. Airá Modé: É o eterno companheiro de Oxaguiã, só veste branco e não come dendê (só um pingo) sua conta leva seguí. Airá Adjaosí: Velho guerreiro, veste branco, ligado a Yemanjá. Poderemos encontrar vários nomes/títulos ainda para o mesmo Xangô: Olorokè; Jakutá; Dadá; Ajaká; Oronian; Orugã; Baáyanì seria seu irmão e um quinto Airá chamado Detá;

Axabó, Orixá feminino da família de Xangô,- Cultuados nas grandes casas matrizes baianas, Orixá pouco conhecido. Eternizada numa bela escultura de Caribe Alufan: É idêntico a um Airá. Confundido com Oxalufan. Veste branco e suas ferramentas são prateadas.

Alafim: É o dono do palácio real, governante de Oyó. Vem numa parte de Oxalá e caminha com Oxaguian.

Afonjá: É o dono do talismã mágico dado por Oyá a mando de Obatalá; é aquele que fulmina seus inimigos com o raio. Come com Yemanjá sua mãe. Patrono de um dos terreiros mais tradicionais e antigos da Bahia, o Axé Opô Afonjá, é o Xangô da casa real de Oyó. Nesse avatar Xangô Afonjá é aquele que está sempre em disputa com Ogum. Um dos mitos que relata tal passagem nos conta que Afonjá e Ogum sempre lutaram entre si, ora disputando o amor da mãe, Iemanjá, ora disputando o amor de suas eternas mulheres, Oyá, Oxum e, Oba.

Aganju: Significa terra firme. Tem perna de pau e é casado com Yemanjá. É o filho mais novo de Oranian. É o mais cruel, é aquele que leva o coração do inimigo na ponta da lança, é o Xangô amaldiçoado que matou a mãe.

Agogo / Agodo / Ogodo: Muito ruim e brutal, inclinado a dar ordens e a ser obedecido, foi ele quem raptou Obá. Come com Yemanjá. Neste caminho; Xangô segura dois Oxês (machados). Sendo o seu èdùn àrâ composto de dois gumes e é originário de Tapá. É aquele que, ao lançar raios e fogo sobre seu próprio reino, e o destrói.

Baru: Veste-se de marrom e branco. Conta o mito em que Xangô recebe de Oxalá um cavalo branco como presente. Com o passar do tempo, Oxalá voltou ao reino de Xangô Baru, onde foi aprisionado, passando sete anos num calabouço. Calado no seu sofrimento, Oxalá provocou a infertilidade da terra e das mulheres do reino de Baru. Mas Xangô Baru, com a ajuda dos babalawos, descobriu seu pai Oxalá preso no calabouço de seu palácio. Naquele dia, ele mesmo e seu povo vestiram-se de branco e pediram perdão ao grande orixá da criação, terminando o ato com muita festa e com o retorno de Oxalá a seu reino. Assim seus descendentes míticos agirão sempre como um jovem desconfiado, ambicioso, elegante, teimoso, hospitaleiro, galante; neste avatar, e somente neste, Xangô surge como um rei humilde e solidário com a causa de seu povo.

Badè: É o mais jovem vodum da família do raio, cujo chefe é Keviosso, corresponde ao Xangô jovem dos nagos. É o irmão de Loko. Usa

roupa azul com faixa atada atrás.

Jakuta: É aquele que atira as pedras, é a encarnação dos raios e trovões. É a própria ira de Olorun, o Deus criador. É o senhor do edun-ará, a pedra de raio. Conta o mito que o reino de Jacutá foi atacado por guerreiros de povos distantes, num dia em que seus súditos descansavam e dançam ao som dos tambores. Houve muita correria, muita morte, muitos saques. Jacutá escapou para a montanha seguido de seus conselheiros, donde apreciava o sofrimento de seu povo. Irado, o rei chamou sua mulher lansã, que, chegando com o vento, levou consigo a tempestade e seus raios. Os raios de lansã caíram como pedras do céu, causando medo aos invasores, que fugiram em debandada. Mais uma vez, Jacutá fora acudido por lansã, e mais, sua eterna amante deu-lhe, dessa feita, o poder sobre as pedras de raio, o edun-ará. Gente de Jacutá tem espírito de um velho pensador, justiceiro, incansável, brutal, colérico, impiedoso, preocupado com a causa dos outros.

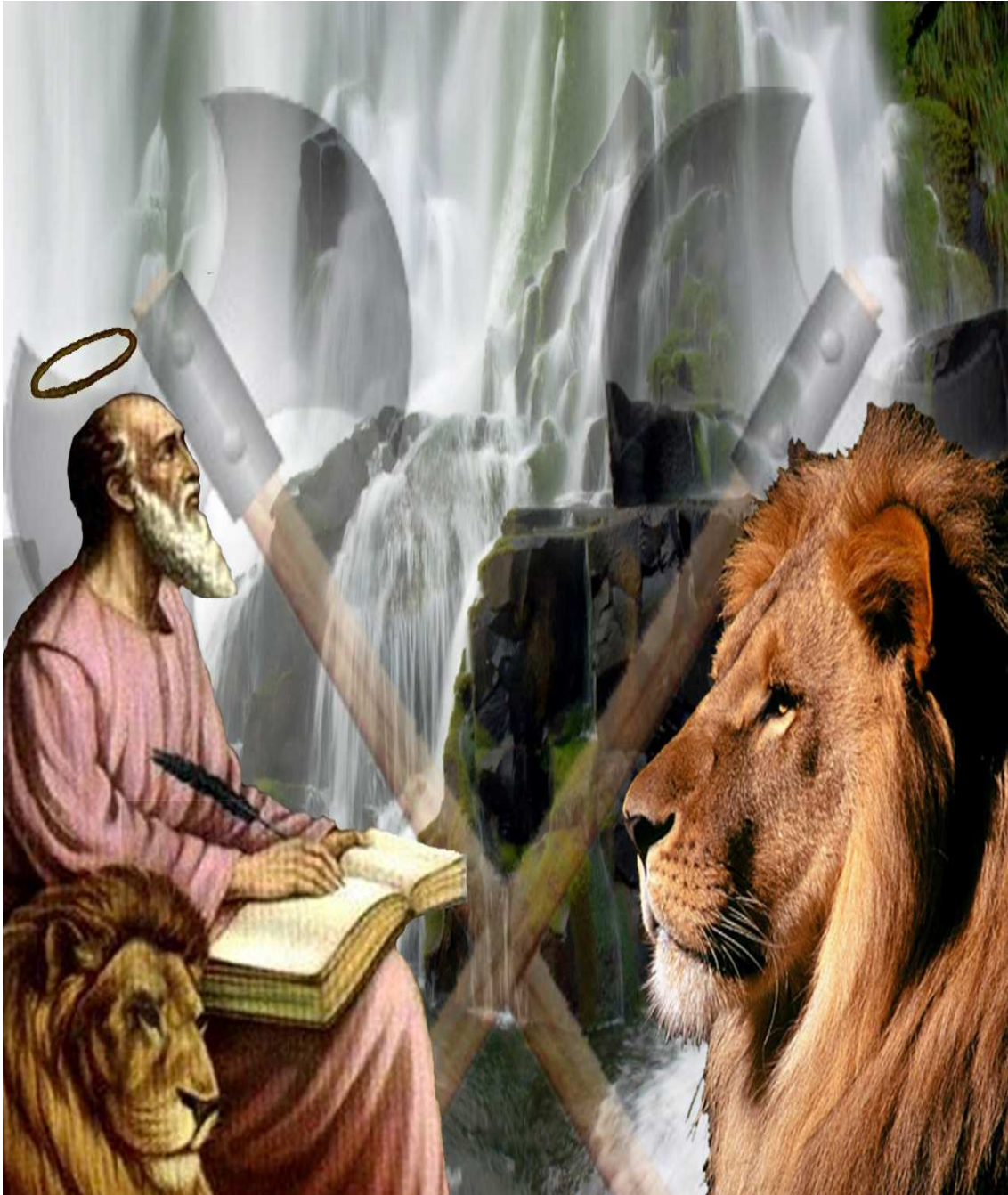
Koso ou Obacossô: Em sua passagem pela cidade de Kossô, Xangô recebe o nome de Obacossô, ou seja, o rei de Kossô. Conta o mito que, depois de passar pela terra dos tapas, Xangô refugiou-se na cidade de Kossô, mas a dor de haver destruído seu povo, levou o rei a suicidar-se. No momento da morte de Xangô, lansã chegou ao Orum e, antes que Xangô se tornasse um Egun, pediu a Olodumare que o transforme num orixá. Assim Xangô foi feito orixá pelo pedido de sua mulher Yansã. Os filhos de Obacossô são serenos, tiranos, cruéis, agressivos, severos, amorosos, moralistas.

Oranifé: É o justiceiro, reto e impiedoso, que mora na cidade de ifé.

Tapa: É muito conhecido pelo seu temperamento imperioso e viril. Não perdoa os erros de seus filhos.

Airá Intile: É o filho rebelde de Obatalá. Airá Intilé foi um filho muito difícil, causando dissabores a Obatalá. É dele o mito que conta a primeira vez que Airá Intilé se submeteu a alguém. Airá tinha sempre ao pescoço colares de contas vermelhas que Obatalá desfez e alternou as contas encarnadas com as contas brancas dos seus próprios colares. Obatalá entregou a Intilé o seu novo colar, vermelho e branco. Daquele dia em diante, toda terra saberia que ele era seu filho. E para terminar o mito, Obatalá fez com que Airá Intilé o levasse de volta ao seu palácio pelo rio, carregando-o em suas costas. Neste caminho, Airá Intilé dá aos seus filhos um ar altivo e de sabedoria, prepotente,

equilibrado, intelectual, severo, moralista, decidido. Airá Igbonam (Agoynham) ou Ibonã: É considerado o pai do fogo, tanto que na maioria dos terreiros, no mês de junho de cada ano, acontece a fogueira de Airá, rito em que Ibonã dança sempre acompanhado de lansã, dançando e cantando sobre as brasas escalda. O nome **Xangô** Afro-Brasileiro - Nome de um orixá afro-brasileiro que significa `Rei do trovão. Ele fez sua passagem pela Terra por volta de 1450 a. C.,



as plantas de xangô

nas edições anteriores como nos já mencionamos algumas plantas podem fazer parte de dois ou até mais orixá algumas são específicas outras não

Alevante – Levante: Usada em todas as obrigações de cabeça, nos abô e nos banhos de limpeza de filhos de santo. Não possui uso na medicina popular



Alfavaca-roxa: Empregada em todas as obrigações de cabeça e nos abô dos filhos deste orixá. Muito usada em banhos de limpeza ou descarrego. A medicina caseira usa seu chá em cozimento, para emagrecer.



Queremos chamar atenção aos nossos amigos que dependendo da região ou até mesmo de outras culturas os nomes que postamos aqui são os mais comuns entre as plantas mas muitas delas se conhecem por outros nomes outras qualidades as figuras que colocamos da maior clareza que tipo de plantas são assim o nome pode alterar dependendo da região mas a planta não

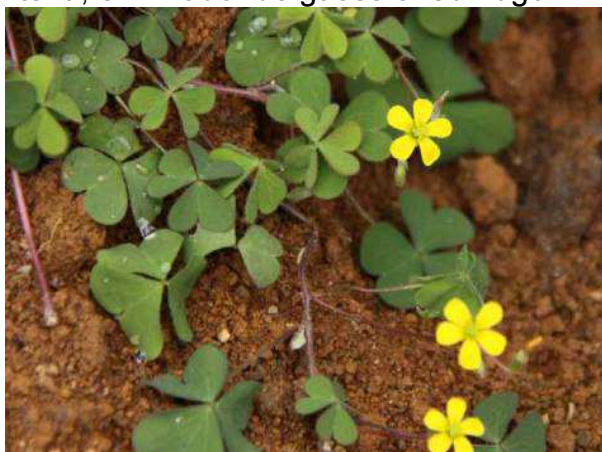
Mil-homens: Tem grande aplicação na magia de amor, em banhos de mistura com manacá (folhas e flores), para propiciar ligações amorosas, aproximando os sexo masculino. A medicina caseira aplica-o como estomacal, combatendo a dispepsia. As gestantes não a devem usar.



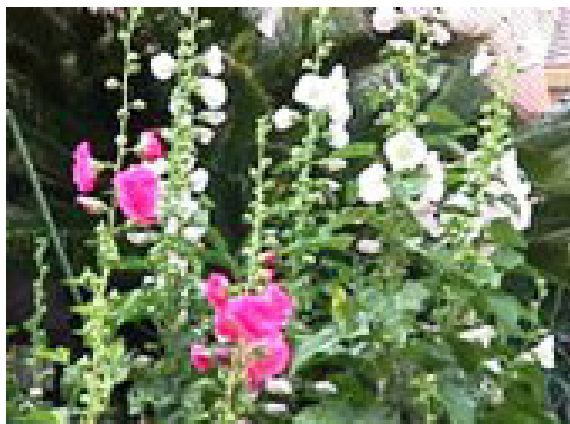
Aperta-ruão: Os babalorixás a utilizam nas obrigações de cabeça; no caso dos filhos do trovão é usada a nega-mina. Tem grande prestígio na medicina popular como adstringente. As senhoras a empregam em banhos semicúpios, de assento, e em lavagens vaginais para dar fim à leucorréia.



Azedinha – Trevo-azedo – Três-corações: É popularmente conhecida como três corações, sem função ritualística. É empregada na medicina popular como combatente da disenteria, eliminador de gases e febrífugo.



Caferana-Alumã: São utilizadas nas aplicações de cabeça e nos abô. Usado na medicina popular como: laxante, fazendo uma limpeza geral no estômago e intestinos, sem causar danos; é ótima combatente de febres palustres ou intermitentes; poderoso vermífugo e energético tônico.



Cavalinha – Milho-de-cobra: Aplicada nas obrigações de cabeça, nos abô e como axé nos assentamentos dos dois orixás. Não possui uso na medicina em algumas regiões a cavalinha e conhecida como bambuzinho do brejo ou bambuzinho



Eritrina – Mulungu Tem plena aplicação nas obrigações de cabeça e nos banhos de limpeza dos filhos de Xangô. Na medicina caseira é aplicada como ótimo pacificador do sistema nervoso e, também, contra a bronquite



Erva-das-lavadeiras – melão-de-São-Caetano: Não possui utilização nas obrigações do ritual. O uso popular o indica como sendo de grande eficácia no combate ao reumatismo. É vigoroso antifebril, debela ainda, doenças das senhoras, em banhos de assento.



Erva-de-São-João: Utilizada nas obrigações de cabeça e nos banhos de descarrego. A medicina caseira, indica-a como tônico para combater as disenterias. Aplicam-se no tratamento do reumatismo. Usa-se o chá em banhos.



Erva- bravo grossa – Fumo-: Empregada nas obrigações de cabeça, particularmente nos ebori e como axé do orixá. A medicina caseira indica as raízes em cozimento, como antifebril, as mesmas em cataplasmas debelam tumores. As folhas agem como tônico combatendo o catarro dos brônquios e pulmões.



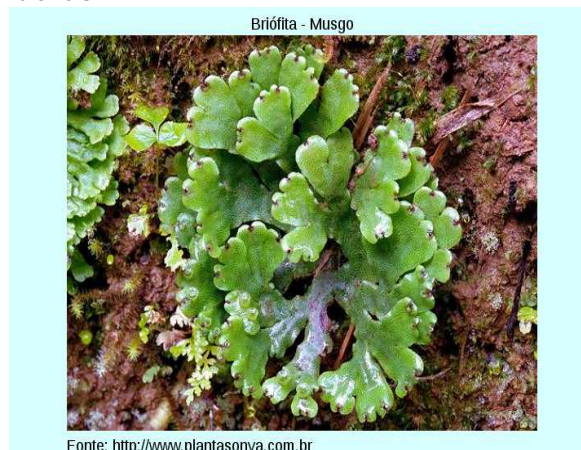
Mimo-de-vênus – Amor-agarradinho: Aplica-se folhas, ramos e flores, em banhos de purificação dos filhos de Oyá. Muito usada na magia amorosa, circundando um prato e metade para dentro do prato e metade para fora; regue a erva com mel de abelhas e arrie em uma moita de bambu. Não possui uso na medicina caseira.



Morangueiro: Aplicação restrita, já que se torna difícil encontrá-la em qualquer lugar. O povo a indica como remédio diurético, pondo fim aos males dos rins. É usada para curar disenterias e também recuperar pessoas que carecem de vitamina C no organismo. Neste caso as folhas são de xangô o fruto não



Musgo-da-pedreira: Tem aplicação nos banhos de descarrego e nas defumações pessoais, que são feitas após o banho. A defumação se destina a aproximar o paciente do bem.



Nega-mina: Inteiramente aplicada nas obrigações de ori, e nos banhos de descarrego ou limpeza e nos abô. O povo a aplica como debeladora dos males do fígado, das cólicas hepáticas e das nevralgias.



Noz-moscada: Seu uso ritualístico se limita a utilização do pó que, espalhado ao ambiente, exerce atividade para melhoria das condições financeiras. É também usado como defumador. Este pó, usado nos braços e mãos ao sair à rua, atrai fluidos benéficos. Não possui uso na medicina popular.



Panacéia – Azougue-de-pobre: Entra nas obrigações de ori e nos banhos de descarrego ou limpeza. O povo a aponta como poderoso diurético e de grande eficácia no combate à sífilis, usando-se o chá. É indicada também no tratamento das doenças de pele, e ainda debelar o reumatismo, em banhos.



Pau-de-colher – Leiteira: Usada em banhos de purificação de mistura com outras espécies dos mesmos orixás. A medicina caseira a recusa por tóxica, porém pode perfeitamente ser usada externamente em banhos



Pau-pereira: Não é aplicada nas obrigações de ori, mas é usada em banhos de descarrego ou limpeza. O povo a aplica nas perturbações do estômago e põe fim a falta de apetite. É fortificante e combate febres interminentes, e ainda tem fama de afrodisíaco. em outras regiões esta árvore se chama abil



Pessegueiro: É utilizado flores e folhas, em quaisquer obrigações de ori. Pois esta propicia melhores condições mediúnicas, destruindo fluidos negativos e Eguns. O povo a indica em cozimento para debelar males do estômago e banhar os olhos, no caso de conjuntivite. neste caso a fruta e as folhas são de xango



Pixirica – Tapixirica: Aplica-se somente o uso das folhas, de forma benéfica. O povo a indica nas palpitações do coração, na melhoria do aparelho genital feminino e nas doenças das vias urinárias.



Romã: Usada em banhos de limpeza dos filhos do orixá dos ventos. O povo emprega as cascas dos frutos no combate a vermes intestinais e o mesmo cozimento em gargarejos para debelar inflamações da garganta e da boca neste caso serve também para iasan o fruto



Sensitiva – Dormideira: Somente é utilizada em banhos de descarrego. O povo diz possui extraordinários efeitos nas inflamações da boca e garganta. Utiliza-se o cozimento de toda a planta para gargarejos e bochechos.



Taioba: Sem aplicação nas obrigações de cabeça. Porém muito utilizada na cozinha sagrada de Xangô. Dela prepara-se um esparregado de erê (muito conhecido como caruru) esse alimento leva qualidades de verduras mas sempre tem a complementá-lo a taioba. O povo utiliza suas folhas em cozimento como emoliente; a raiz é poderoso mata-bicheiras dos animais e, além de matá-las, destrói as carnes podres, promovendo a cicatrização. ATENÇÃO a figura a direita e taioba brava roxa venenosa a esquerda que esta verde esta sim e de uso medicinal banhos de orixá etc



Tiririca : Sem aplicação ritualística, a não ser as batatas aromáticas, essas batatinhas que o povo apelidou de dandá-da-costa, levadas ao calor do fogo e depois reduzidas a pó que, misturado com outros, ou mesmo sozinho, funciona como pó de dança. Para desocupação de casas. Colocados em baixo da língua, afasta eguns e desodoriza o hálito. Não possui uso na medicina popular.



Umbaúba: Somente é usada nos ebori a espécie prateada. As outras espécies são usadas nos sacudimentos domiciliares ou de trabalho. O povo a prestigia como excelente diurético. É aconselhado não usar constantemente esta erva, pois o uso constante acelera as contrações do coração.



Urucu: Desta planta somente são utilizadas as sementes, que socadas e misturadas com um pouquinho de água e pó de pomba branca, resulta numa pasta que se utiliza para pintar a Yawô. O povo indica as sementes verdes para os males do coração e para debelar hemorragias.,



Xangô das matas

Existem outros tipos de xangô também

.Xangô das matas ele atua juntamente com

Oxossi onde ouver uma pedreira ali esta a

força de xangô roxa que representa

sustentação muitos caboclos também vem

na digina de xango por ele estar ligado a

Oxossi e também atuando em florestas

muitos dos caboclos esta ligado neste orixá

ao longo das nossas publicações falaremos

a respeito dos caboclos e suas diginas



Culinária de xangô



O Amalá, comida de orixá Xango, é feito basicamente de quiabo, cebola, camarão seco ralado, carne e azeite de dendê. Eu diria que o amalá é o irmão gêmeo da quiabada, tendo em si muito poucas diferenças (ou nenhuma diferença), é primo direto do caruru (uma versão mais elaborada do uso do quiabo) e reproduzido fielmente nos terreiros do país e em alguns lugares do interior.

Boa parte das pessoas que faz a quiabada, na realidade está fazendo o Amalá

Receita

500g,de,quiabo,cortado,em,rodela,sm,finas1 cebola média picada
30g de pó de camarão seco (vc pode comprar o camarão seco e passar no processador)100gr de carne cortada em cubos (você pode usar chã de dentro, musculo, carne de peito, enfim, a carne de sua preferência, pode ser feito com carne,seca,também)Sal,e,pimenta-do-reino,a,gostoAzeite de dendê
Refogue a cebola e a carne em óleo, tempere com sal, pimenta e o pó de camarão seco. Coloque água bastante para cozinhar a carne. Quando a carne

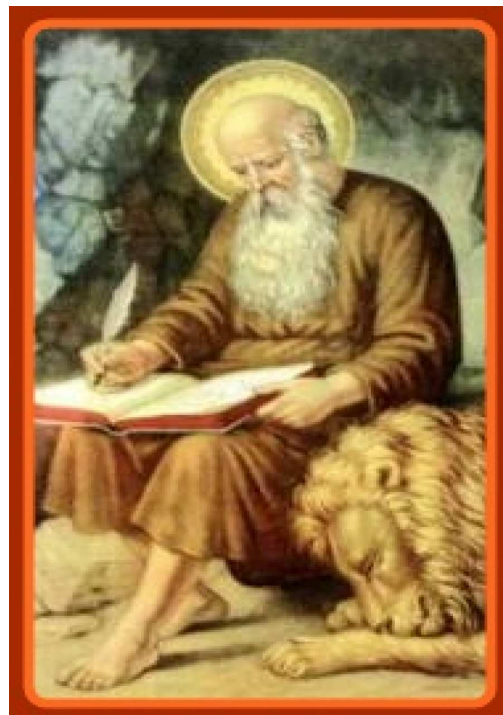
estiver macia, reduza o caldo e acrescente o quiabo com o azeite de dendê a gosto. Deixe cozinhar por mais uns 10 minutos.



Ajabó ou conhecido como quiabo

AJABÓ é comida ritual do Orixá Xango AyraÉ feito com seis ou doze quiabos cortado em “lasca”, batido com três clara de ovos até formar um mus se, regado com gotas de mel de abelha e azeite doce. Colocado em uma gamela forrada com massa de acaçá ou pirão de farinha de mandioca, ornado com doze quiabos inteiros, doze moedas circulante, doze bolos de milho branco e seis Orobôs.A mesma oferenda pode ser oferecida a outras qualidades de Xangô, todavia acrescenta-se azeite de dendê e substitui os doze bolos de milho branco por doze acarajés ou corta-se o quiabo em pequenas rodela, com seis ou doze quiabos, em algumas casas com oito quiabos, coloca-se em uma tigela e acrescenta-se água fresca, bate-se com os dedos até ele espumar e ficar digamos ligado, a diferença que ele é ofertado em uma tigela ou uma gamela redonda.Importante ressaltar que dependendo da nação ou ate mesmo o ritual a comida de santo ou o axé em si podem mudar algumas alterações exemplo na umbanda os pratos modificam em razão de ser outra nação outra linhagem a bebida de xangô e a cerveja preta (malzebir) melhor dizendo

SINCRETISMO NA IGREJA CATÓLICA



São Jerónimo ou Jerônimo (português brasileiro) (Strídon, ca. 347 - Belém, 30 de setembro de 420), nascido Eusébio

Sofrónio (Sofrônio) Jerónimo (em latim: Eusebius Sophronius Hieronymus; em grego foi um padre eapologista cristão ilírio. É conhecido sobretudo como tradutor da Bíblia do grego antigo e do hebraico para o latim. É o padroeiro dos bibliotecários e dos tradutores, e patrono das secretárias, ambos comemorados no dia 30 de setembro. A edição de São Jerónimo, a Vulgata, é ainda o texto bíblico oficial da Igreja Católica Romana, que o reconhece como Padre da Igreja (um dos fundadores do dogma católico) e ainda doutor da Igreja. Nasceu em Strídon, por isso chamado Jerónimo de Strídon, na fronteira entre a Panónia e a Dalmácia, no segundo quarto do século IV e faleceu perto de Belém em sua cela, próximo à gruta da Natividade. A Vulgata foi publicada cerca de 400 d.C., poucos anos depois de Teodósio I ter feito do cristianismo a religião oficial do Império Romano. É reconhecido pela Igreja Católica como santo e Doutor da Igreja, e como santo pela Igreja Ortodoxa Oriental, onde é conhecido como São Jerônimo de

Stridonium ou Abençoado Jerônimo. São Jerônimo é conhecido não apenas pela tradução da Bíblia mas também por sua obra em defesa do Dogma da Virgindade Perpétua da Virgem Maria. Jerônimo foi opositor do herege Helvídio que espalhou panfletos tentando negar a Virgindade da Santíssima Virgem. Jerônimo então se posicionou radicalmente contra a heresia helvética deixando em seus escritos muitas passagens das Escrituras que corrugariam na versão oficial da Igreja sobre a Virgindade de Maria. Os textos seus hoje ainda são de grande importância na patrística católica. Os críticos da tradução da Vulgata, apoiam-se neste trecho para afirmar que Jerônimo teria adulterado o seu conteúdo na tradução do texto grego para o latino: "Obrigas-me fazer de uma Obra antiga uma nova... da parte de quem deve por todos ser julgado, julgar ele mesmo os outros, querer mudar a língua de um velho e conduzir à infância o mundo já envelhecido. Qual, de fato, o douto e mesmo o indouto que, desde que tiver nas mãos um exemplar, depois de o haver percorrido apenas uma vez, vendo que se acha em desacordo com o que está habituado a ler, não se ponha imediatamente a clamar que eu sou um sacrílego, um falsário, porque terei tido a audácia de acrescentar, substituir, corrigir alguma coisa nos antigos livros? (Meclamitans esse sacrílego qui Haldan aliquid in verteremos livres addere, mutare, corrigere). Um duplo motivo me consola desta acusação. O primeiro é que vós, que sois o soberano pontífice, me ordenais que o faça; o segundo é que a verdade não poderia existir em coisas que divergem, mesmo quando tivessem elas por si a aprovação dos maus". (Obras de São Jerônimo, edição dos Beneditinos, 1693,. Col. 1425).

Há quem diga esta crítica, porém, parte do pressuposto errado de que o fazer "uma nova obra" é "corromper" uma existente. Jerônimo, tal como ele garante parágrafos adiante, apenas se refere à dificuldade de traduzir para latim os textos ao ter que manter, simultaneamente, o seu sentido original mediante uma tradução literal dos mesmos. Assim foi São Jerônimo na Igreja Católica como em outra religião São Jerônimo e um símbolo de coragem força dedicação no candomblé e na umbanda não pode ser diferente a bravura de São Jerônimo ou se preferir Xango vamos explicar o assunto que se refere ao leão de Xango a sua representação diante das histórias e mitos na umbanda o leão está relacionado a força a coragem determinação assim ocorre com as pedras que esta simboliza fortaleza a fé solidão o elemento resistente da vida..

A história do leão na igreja católica

"Uma tarde São Jerônimo sentou-se com seus amigos monges no seu monastério em Jerusalém ouvindo a lição do dia quando um gigantesco leão aproximou-se andando em três patas, com a quarta pata levantada. Imaginem o caos que se seguiu quando todos os monges correram, cada um para um lado, mas São Jerônimo calmamente levantou-se e foi se encontrar com o hospede não convidado. Naturalmente o leão não podia falar, mas ofereceu a sua pata ferida ao bom padre. Jerônimo examinou a pata e pediu a um monge menos medroso, um balde com água e lavou a pata ferida do leão. Aí Jerônimo notou que a pata estava perfurada por espinhos. Jerônimo retirou com cuidados os espinhos e aplicou uma pomada e o ferimento rapidamente sarou. O gentil cuidado amansou o leão que ia e vinha pacificamente onde estava São Jerônimo como se fosse um animal doméstico. Deste episódio Jerônimo disse "Pensem sobre isto e vocês encontrarão varias respostas. Eu creio que não foi tanto para a cura de sua pata que Deus o enviou, pois Ele curaria a pata sem a nossa ajuda, mas enviou o leão para mostrar quanto Ele estava ansioso para prover o que necessitamos para o nosso bem."

Os irmãos sugeriram que o leão poderia ser usado para acompanhar e proteger o jumento que carregava a lenha para o monastério. E assim foi por muito tempo. O leão guardava o jumento enquanto este ia e vinha. Um dia entretanto, o leão ficou cansado de dormiu enquanto o jumento pastava. Mercadores de óleos egípcios levaram o jumento. O leão lá pelas tantas acordou e passou a procurar o jumento. Com incrível ansiedade procurou todo o dia. No final do dia voltou e ficou no portão do monastério parado e consciente de sua culpa o leão não tinha mais o seu andar orgulhoso que ele fazia ao lado o burrico. Quando outros monges o viram concluíram que o leão tinha na verdade comido o jumento. E eles recusaram a alimentar o leão e o enviaram de volta para comer o resto da sua matança. Mas ainda havia certa dúvida se o leão havia ou não matado o jumento e assim Jerônimo mandou que eles procurassem pela carcaça do jumento e não a encontraram, e nem sinal de violência. Os m

🕒 leão regularmente fazia a sua tarefa, mas continuava a procurar o seu velho companheiro. Um dia ele subiu uma colina e viu na estrada homens montado em camelos e um montado em um jumento. Ele então foi de encontro a eles. Ao se aproximar ele reconheceu o seu amigo e começou a rugir. Os mercadores assustados correram como puderam deixando o jumento e os camelos e sua carga para atrás.



aqui vemos a igreja de são Jerônimo igreja sede que fica situada em Madri (Espanha)



aqui encontramos o quadro pintado a Mao se são Jerônimo que se encontra na igreja sede de Madri um velho homem de 93 anos para modelo do **São Jerônimo pintado** em 1521. ... o santo de barbas

obrigado meu pai xango

